

REENCONTRO
literatura

William Shakespeare

Otelo
O mouro de Veneza

Tradução e adaptação em português de

Hildegard Feist

Ilustrações de

Rogério Borges



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios
Responsabilidade editorial
Mauro Aristides

Edição
Cristina Carletti

Editora assistente
Suely Mendes Brazão

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Gerson Ferracini, Maria Beatriz Pacca,
Claudia Virgílio, Rosalina Siqueira,
Ricardo Abílio da Silva e
Tiago Barbalho

Programação visual de capa
Didier D. C. Dias de Moraes

Diagramação
Mauro Forte de Lucca



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7 221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2015

ISBN 978-85-262-8378-7 – AL

ISBN 978-85-262-8379-4 – PR

Cód. do livro CL: 738017

CAE: 263296

14.ª EDIÇÃO

4.ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Othello*, em *The complete works of William Shakespeare*.
Garden City (EUA): Doubleday, 1968.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shakespeare, William, 1564-1616.

Otelo, o mouro de Veneza / William Shakespeare; adaptação em português de Hildegard Feist. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literaria)

1. Literatura infantojuvenil I. Feist, Hildegard II. Título. III. Série.

97-0014

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi William Shakespeare?</i>	5
Capítulo I – Frustração e vingança	8
Capítulo II – A fuga	12
Capítulo III – Revelação mentirosa	15
Capítulo IV – A reunião do conselho	18
Capítulo V – Uma história de amor	24
Capítulo VI – Um esclarecimento	32
Capítulo VII – A semente do mal	35
Capítulo VIII – Recordações	41
Capítulo IX – A batalha no mar	49
Capítulo X – Uma surpresa	53
Capítulo XI – Prepara-se uma festa	57
Capítulo XII – A armadilha	60
Capítulo XIII – Trama diabólica	68
Capítulo XIV – “Cuidado com ela, general!”	72
Capítulo XV – Sinistra ameaça	77
Capítulo XVI – Delírio	82
Capítulo XVII – Falsa prova	87
Capítulo XVIII – A grande intriga	91
Capítulo XIX – Uma carta apócrifa	96
Capítulo XX – Mau pressentimento	100
Capítulo XXI – Ciúme fatal	103
<i>Quem é Hildegard Feist?</i>	112

QUEM FOI WILLIAM SHAKESPEARE?

No verão de 1587, um rapaz interiorano andava pelas ruas de Londres. Tinha consigo apenas algumas libras, mas finalmente encontrava-se no ambiente propício para desenvolver a sua vocação – a literatura.

A capital inglesa havia sido, por muito tempo, apenas um sonho para William Shakespeare. Nascido em 1564 em Stratford-upon-Avon, gozou de uma vida abastada até os 12 anos. A partir de então, com a falência do seu pai, viu-se obrigado a trocar os estudos pelo trabalho árduo, passando a contribuir para o sustento da família. Guardava, entretanto, os conhecimentos adquiridos na escola elementar, onde havia iniciado seus estudos de inglês, grego e latim; por sua própria conta, continuou a ler os autores clássicos, poemas, novelas e crônicas históricas. Era também um profundo conhecedor da Bíblia.

Aos 18 anos já estava casado com a rica Anna Hathaway, com quem teve três filhos. Não se sabe ao certo por que motivo seguiu sozinho para Londres, quando contava 23 anos; o fato é que veio a tornar-se a figura mais expressiva da literatura inglesa. Foi o maior poeta e dramaturgo do Renascimento de seu país.

De maneira bem simples, podemos definir o Renascimento como a retomada da cultura da Antiguidade clássica, baseada na valorização de todas as capacidades do homem e no estudo e conhecimento da natureza, que se desencadeou em vários países da Europa nos séculos XIV, XV e XVI, reformulando as artes, as letras e as ciências. Esses princípios eram bem diferentes daqueles que nortearam a cultura medieval, centralizada na adoração a Deus e no estudo exclusivo dos livros sagrados e dos assuntos espirituais.

Vários foram os fatores que determinaram esse processo: a centralização do poder na figura dos reis, que estimulavam a produção artística esperando obter dessa forma uma promoção pessoal; o desenvolvimento do comércio e das cidades; e o enriquecimento dos comerciantes, que passaram a pagar para que artistas e literatos produzissem obras que divulgassem os valores dessa classe em ascensão.

Tal efervescência cultural era bastante acentuada em Londres, onde se desenvolvia uma intensa atividade teatral. As peças, além de serem encenadas, eram também impressas em livros e folhetins, os quais eram rapidamente consumidos pelo público. Assim, as companhias eram obrigadas a renovar seus repertórios com frequência, encomendando peças inéditas aos autores da época.

Shakespeare iniciou sua carreira como ator, na companhia teatral do Conde de Leicester. Pouco tempo depois, passou a dedicar-se à adaptação de textos alheios para o palco. O sucesso obtido nessa atividade levou-o a escrever suas próprias peças – a primeira delas foi o drama histórico *Henrique IV*, em 1591.

Nos dez anos seguintes, Shakespeare – agora com sua companhia teatral – escreveu 15 peças, quase todas comédias leves e dramas históricos ou sentimentais, como *Sonho de uma noite de verão*, *A megera domada*, *Muito barulho por nada*, *Ricardo III* e *Romeu e Julieta*. A partir de 1601, durante um período de recolhimento e meditação, elaborou a maior parte de suas tragédias, como *Otelo*, *Hamlet*, *Rei Lear* e *Macbeth* – esta é considerada, por alguns críticos, como sua “fase sombria”.

Otelo, escrita entre 1602 e 1604, é baseada na novela *Il moro di Venezia*, do italiano Giraldi Cinthio, incluída em sua obra *Hecatomithi* (que significa “cem mitos”). Esse drama passional continha certos aspectos que seduziram Shakespeare: o contraste entre a realidade e as aparências; o ciúme injustificado; a união de uma mulher branca com um mouro, situação singular para a época e, por isso mesmo, repleta de possibilidades dramáticas; e a tragédia implícita na atitude de um homem que destrói o objeto do seu amor. O dramaturgo inglês seguiu de perto a novela em que se baseou, fazendo, contudo, algumas modificações: atribuiu ao mouro um caráter mais nobre e refinado, e também uma função de destaque em Veneza; aumentou a importância de Emília na trama; acentuou a malignidade de Iago; criou novos personagens e eliminou outros. Existem controvérsias quanto à versão definitiva do texto; assim, ainda hoje certas passagens são interpretadas de modo diferente.

Depois desse período, Shakespeare escreveu ainda outras comédias e dramas. Mas a nova fase não foi muito duradoura: aos 46

anos voltou a Stratford-upon-Avon, onde escreveu ainda uma outra obra-prima – *Henrique VIII*. Morreu em 1616, em sua cidade natal.

Uma observação final: uma peça de teatro é melhor apreciada quando encenada, e não lida pelo público. Assim, nesta adaptação o texto original foi transposto para a forma de narrativa, de modo a facilitar a compreensão da obra e tornar sua leitura mais fluente.

Capítulo I

Frustração e vingança

Entardecia. Um clarão avermelhado cobria o céu e tingia as águas mansas do golfo de Veneza, no norte da Itália. Abarrotadas de tecidos, joias e especiarias do Oriente, quatro galeras preparavam-se para atracar no porto principal da República Veneziana. Antes mesmo que a proa das embarcações encostasse na amurada do cais, os capitães já gritavam ordens aos marujos para retirarem as preciosas cargas que, naquele distante final do século XV, ainda constituíam a principal riqueza daquele Estado.

Movimentando-se com incrível rapidez, homens fortes e suados colocavam nos ombros os fardos enormes, embrulhados com lona, e transportavam-nos para terra firme. Outros carregadores, não menos robustos e ágeis, apanhavam as mercadorias e levavam-nas para as numerosas gôndolas que aguardavam pouco mais adiante.

Minutos depois, os primeiros volumes começavam a ser conduzidos através das dezenas de canais que, já naquela época, interligavam as ilhas componentes de Veneza. Seu destino: as lojas dos grandes mercadores, de onde partiriam para os quatro cantos da Europa.

Alheio ao lento deslizar das gôndolas repletas de tesouros, um homem alto e moreno, chamado Iago, caminhava à margem do Grande Canal, a via mais movimentada da cidade. Seu rosto sombrio indicava que maus pensamentos o dominavam. De fato, vinha remoendo frustração e sonhando com vingança.

Havia anos era alferes – ou segundo-tenente – do general Otelo, um mouro proveniente do norte da África que, com sua coragem, logo conquistara o respeito e a admiração de todos, firmando-se como o mais brilhante militar de Veneza. Iago

não gostava de receber ordens daquele estrangeiro, mas não via outra saída: como soldado, precisava curvar-se à hierarquia; como homem de poucas posses, só lucrava servindo a Otelo, pois isso lhe dava crédito junto aos mercadores. Era vantajoso ser alferes do notável general, porém Iago queria mais: desejava ser o primeiro-tenente, o braço direito de Otelo. Então, sim, a sociedade veneziana o receberia de braços abertos e os banqueiros poriam à sua disposição os cofres cheios de moedas de ouro. Talvez até o doge, chefe supremo da República, o convidasse a participar das festas oficiais e, quem sabe, chegasse mesmo a colocá-lo no lugar do mouro.

Durante muito tempo, essa pretensão tinha sido absurda, pois o ambicionado cargo de tenente era preenchido por um velho amigo do general. Mas agora que esse homem havia morrido, Iago parecia ser seu sucessor natural: Otelo confiava nele, admirava-o, estimava-o. Era tudo o que bastava para conseguir tal posto. Mesmo assim, o alferes achava mais prudente pedir a dois prestigiados mercadores que intercedessem em seu favor. Estes, todavia, de nada lhe valeram: o mouro simplesmente os despachara, dizendo que a escolha já estava feita.

De fato, Otelo havia decidido promover a tenente o jovem Cássio, um matemático de Florença que, na opinião de Iago, só sabia mesmo fazer cálculos e correr atrás de moças.

– Cássio! Grande escolha! – resmungou o alferes, enquanto caminhava naquela tarde, irritado com a própria recordação dos fatos. – Um soldado como qualquer outro... Nunca mostrou talento especial para a guerra. Nunca se destacou em combate. Nunca fez o que eu já fiz!

As pessoas que passavam olhavam para Iago, com curiosidade: era estranho ver aquele homem alto e sério, impecavelmente fardado, falar assim, sozinho, pela rua, como um bêbado sem juízo. Mas o alferes nem percebia o espanto que causava, tão mergulhado estava em seu problema. Não conseguia engolir o que considerava uma ofensa imperdoável. Afinal, sempre

havia dado provas de coragem e lealdade. Jamais fugira ao dever. Muitas vezes, arriscara a vida pela glória de Veneza. E, em mais de uma ocasião, chegara a salvar Otelo do golpe fatal de uma espada inimiga. Agora, sentia-se passado para trás – logo agora, que faltava um único passo para subir quilômetros não só na hierarquia militar, como também na própria escala social. Ser o tenente do general mais prestigiado da República Veneziana! Sonhara tanto com isso... E Cássio fora o escolhido.

– Ah, aquele maldito mouro me paga! – Iago murmurou entre dentes, levantando o punho cerrado para o céu já escuro.

Alguns homens que saíam de uma oficina viram seu gesto e começaram a rir às gargalhadas. O alferes, furioso, preparou-se para revidar. Porém, sempre muito esperto, achou que não devia desperdiçar energia numa briga inútil – da qual, aliás, sairia derrotado. Preferiu, assim, fingir que não ouvira as caçoadas e enveredou rapidamente por uma ruela lateral, que desembocava bem em frente a uma taberna. Cansado de andar, resolveu entrar ali e tomar um trago de vinho: talvez a bebida lhe inspirasse uma boa vingança.

Matar o mouro estava fora de cogitação: apesar de toda a sua bravura e habilidade, Iago jamais poderia realizar essa façanha. E, se por acaso a realizasse, seria enforcado no minuto seguinte, com toda a certeza. O jeito seria envolver o general em alguma intriga que o fizesse perder o posto e arruinar-se para sempre. Mas que intriga poderia ser essa? Otelo era tão digno, tão íntegro; parecia impossível enredá-lo em qualquer tipo de trama.

– Só se o diabo me inspirasse... – suspirou Iago, desacomodado.

Nesse momento, dois homens ofegantes entraram na taberna e sentaram-se à mesa vizinha. Eram empregados do senador Brabâncio, um dos mais ricos e respeitados comerciantes de Veneza, mas o alferes não os conhecia e nem lhes deu atenção.

– Traga vinho – ordenou um deles ao taberneiro, que se aproximava enxugando as mãos no avental imundo. – Trabalhamos como escravos, carregando as mercadorias que chegaram do Oriente. Agora precisamos de uma compensação.

– Que nada... A compensação virá amanhã – corrigiu o segundo recém-chegado. – Lembre-se de que Brabâncio nos prometeu uma boa gratificação se empilhássemos todos os fardos ainda hoje.

Ao ouvir o nome do senador, Iago estremeceu. Um brilho de maldade irradiou-se de suas pupilas e iluminou-lhe o rosto todo.

“Brabâncio... Obrigado, Satanás...”, pensou e, deixando algumas moedas sobre a mesa, saiu apressadamente.

